

# Os 12 rumores mais freqüentes

Há vários tipos de boatos. Cada um deles é utilizado no momento em que pode render mais dividendos. Como é imprudente afirmar-se que nenhum deles possui um fundo de verdade — da mesma forma que é temerário garantir-se que em todos há um resquício de veracidade — o receptor do “zünzum” geralmente adota a postura de desconfiar mas mantendo dúvidas respeitáveis. Dependendo do momento, se a hora for apropriada, até um boato propagado por alguém que deveria estar em uma camisa-de-força — do tipo “maxivalorização do cruzado”, isto mesmo, desvalorização do dólar — tem, uma ponta de chance de pegar.

É com esta possibilidade que jogam os boateiros. Há o boato criminoso destinado a quebrar instituições financeiras. Esta modalidade de boato é profissional e organizada. Ele é plantado nas cidades do Interior. Começa devagarinho, com a instituição perdendo caixa aos poucos, até que se alastra. Em uma situação de pânico, depois de uma correria das agências, se um banco não estava mal das pernas ele acaba ficando — e pode quebrar.

Mas os boatos mais comuns são aqueles que visam ao lucro financeiro imediato. Seu objetivo é interferir na tendência de um ativo, metendo em sua rota seja para cima seja para baixo. A seguir, alguns exemplos dos boatos mais em voga:

1) Choque heterodoxo e suas ramificações, que podem vir todas juntas ou separadamente, na dependência do momento certo: congelamento (geral de preços, somente da cesta básica ou, ainda, apenas da URP) e feriado bancário; com este boato, plantado no dia certo, as bolsas de valores, o dólar no black e o ouro disparam.

2) Queda de autoridade governamental, seja do ministro da Fazenda, do Planejamento, da diretoria do Banco Central; o boato pode envolver todos eles, ou cada caso em particular; produz o mesmo efeito que o boato anterior.

3) Golpe militar. Este é raramente fabricado, pois até os boateiros têm medo dele. Mas causa impacto no câmbio negro e no ouro além de paralisar a bolsa.

4) Choque fiscal e suas subdivisões como aumento de tributação no mercado de renda fixa e overnight (destinado a puxar a bolsa para cima) e taxaço sobre o mercado à vista das bolsas de valores (com a finalidade de puxar a bolsa para baixo).

5) Maxidesvalorização do cruzado; este boato está com sua cotação em baixa, pois ninguém acredita em máxi com saldos comerciais crescentes; mas em épocas anteriores acarretou disparadas de preço no black.

6) Congelamento da caderneta de poupança; difundido para estimular aplicações nos mercados de risco, este boato sempre inquieta a população por mais improvável que seja. Para os analistas, congelar a poupança é sinônimo de guerra civil.

7) Moratórias externa e interna; ambas favorecem os mercados de risco; como a primeira já foi feita com resultados condenáveis até pelo próprio governo que a fez, este boato não pega mais; a segunda, no entanto, definida pelo presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa),

Eduardo da Rocha Azevedo, como o “beico” da dívida interna, arrebia as instituições financeiras, as que mais possuem títulos públicos em carteira.

8) Tabelamento de juros. Antes de a Constituinte ter tornado realidade este velho rumor, ele era infalível: sempre provocava alta da bolsa.

9) Alta ou baixa da inflação; informação atribuída a fontes do governo, de preferência técnico do IBGE. No primeiro caso, faz a bolsa cair. No segundo, subir.

10) Mudança de rota do overnight ou da OTN fiscal. Se ambos os indicadores de inflação alterarem sua trajetória para cima, o indicador da bolsa muda a sua para baixo.

11) Política monetária mais apertada (alta dos juros); instiga a alta das bolsas.

12) Boatos com o objetivo de levantar o preço de Petrobrás PP, a principal blue-chips da Bovespa, como balanço excelente da estatal, descoberta de poços de petróleo e aumento de preço da gasolina. A bolsa sobe junto com ela.